
POR UM “JOGO CONJUNTO ENTRE NATUREZA E HUMANIDADE”: CRÍTICA DO PROGRESSO TÉCNICO E À EXPLORAÇÃO DA NATUREZA EM WALTER BENJAMIN

TOWARDS AN “INTERPLAY BETWEEN NATURE AND HUMANKIND”: CRITIQUE OF
TECHNICAL PROGRESS AND TO THE EXPLOITATION OF NATURE IN WALTER
BENJAMIN

Fernando Araujo Del Lama¹

Resumo: Este artigo pretende examinar a relação íntima entre progresso técnico e exploração da natureza nas reflexões de Walter Benjamin a respeito do capitalismo. Tais reflexões se organizam em torno do par conceitual “primeira técnica”/“segunda técnica”, isto é, configurações distintas da mediação entre homem e natureza, que serão esmiuçadas ao longo da argumentação. Além disso, propõe-se uma análise crítica a respeito de algumas aproximações entre Benjamin e o ecossocialismo, empreendidas por Michael Löwy e Fábio Mascaro Querido, de modo a refletir sobre a atualidade de Benjamin em um cenário de crise ecológica tal como o que estamos enfrentando.

Palavras-chave: Walter Benjamin, segunda técnica, exploração da natureza, marxismo, ecossocialismo

Abstract: *This paper aims to examine the intimate relationship between technical progress and the exploitation of nature in Walter Benjamin’s reflections on capitalism. These reflections are organized around the conceptual pair “first technique”/“second technique”, i. e., distinct configurations of the mediation between humans and nature, which will be detailed throughout the argument. In addition, I propose a critical analysis regarding some approximations between Benjamin and ecosocialism, which was undertaken by Michael Löwy and Fabio Mascaro Querido, in order to reflect on Benjamin’s actuality in a scenario of ecological crisis such as the one we are facing.*

Keywords: *Walter Benjamin, second technique, exploitation of nature, Marxism, ecosocialism*

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre a noção de materialismo em Walter Benjamin, sob a orientação do Prof. Ricardo Ribeiro Terra. E-mail: dellama.f@gmail.com. O trabalho recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), de acordo com o processo nº 2017/05560-5.

“If you're tearing down my world
Please just try to do it gently...
There is love inside
For a dream that has to die”

Pain of Salvation, Kingdom of Loss (Letra: Daniel Gildenlöw)

Introdução

Temas ecológicos², assim como os temas estéticos³, nunca foram objetos de predileção nem de Karl Marx, tampouco dos marxistas mais ortodoxos, por assim dizer. Ora, é evidente que essa lacuna se deve ao fato de que, no período áureo da produção de Marx, por exemplo, o conjunto de questões dominantes a respeito do capitalismo eram outras: a consolidação do trabalho fabril como via privilegiada para a instauração e reprodução do capital na sociedade esteve para Marx, como objeto mais candente de reflexão, do mesmo modo que a crise ecológica se apresenta como tema intransponível para qualquer teórico que reflita sobre a sociedade capitalista atual, sendo ele marxista ou não. Quer dizer: não obstante a vasta cultura e o trânsito interdisciplinar de Marx, que trafegava com bastante destreza pela economia política, pela filosofia, pela história, pela antropologia, pela matemática, pela biologia, pelos clássicos da literatura, dentre outros campos tanto das ciências do espírito quanto das ciências da natureza já estabelecidos no século XIX, ele não teria como anteciper os fenômenos que se abateram sobre o meio ambiente no século seguinte, tampouco temas a eles relacionados, como a emergência do “antropoceno”, por exemplo. Os herdeiros de Marx no século XX ficariam, então, responsáveis por retomar a abordagem metodológica do precursor do materialismo dialético, bem como os indicativos de reflexões ecológicas deixados por ele em certas passagens de sua obra, de modo a atualizá-la diante dos desafios atuais.

² Uniformizou-se, ao longo de todo o texto, o emprego do adjetivo “ecológico” em vez de “ambientalista”. Isso se deve às sutilezas conceituais que diferenciam a ecologia da ideia de ambientalismo: a primeira enfatiza mais os tipos de interação entre os seres vivos e o meio onde vivem, ao passo que a ênfase da segunda reside mais na defesa da preservação do meio ambiente. Ora, como ficará claro no decorrer do argumento, as reflexões de Benjamin tendem mais a se enquadrar, a meu ver, numa perspectiva mais “ecológica” do que “ambientalista”.

³ Basta lembrar do livro de Leandro Konder (2013), no qual o autor percorre, com erudição ímpar, os principais temas estéticos tratados por Marx, Engels e seus epígonos em pouco menos de duzentas páginas, dada a falta de fontes primárias.

As reflexões de Walter Benjamin⁴ a propósito de temas ecológicos ocupam uma posição singular, bastante ambivalente, no interior desse quadro: apesar de ganharem estofamento teórico em solo marxista, fazendo recurso, inclusive, à luta de classes, em complementos posteriores, porém, tais reflexões revelam uma profunda relação com temáticas utópico-românticas anticapitalistas, recorrendo inclusive a autores socialistas utópicos – Charles Fourier, em especial – em sua composição argumentativa. Tal aproximação com o idealismo romântico certamente não obteve respaldo do ponto de vista da ortodoxia stalinista. Contudo, situar a posição de Benjamin traz em seu bojo conclusões promissoras, na medida em que ele foi um dos pioneiros no âmbito da teoria crítica – esse importante segmento do marxismo ocidental, responsável por levar adiante o reencontro do marxismo com a filosofia, na esteira do *História e Consciência de classe*, de Lukács – a pensar temas ecológicos a partir de certa perspectiva marxista; além disso, um exame mais profundo acerca de tais reflexões permitirá uma avaliação da situação ecológica em meio ao período entreguerras europeu, portanto, um período histórico atípico, que lidou com as consequências nefastas da Primeira Guerra Mundial para a humanidade e, ao mesmo tempo, pressentiu as tensões que levaram à Segunda Guerra Mundial, como a ascensão dos regimes fascistas na Europa. Ora, o período no qual Benjamin floresceu guarda, *mutatis mutandis*, diversos aspectos similares à nossa época, como a ascensão de uma direita populista com tendências autoritárias em meio a uma crise da democracia, que se fortalece mediante à aliança com o discurso neoliberal; isso justifica, a meu ver, revisitar as reflexões ecológicas de Benjamin, buscando nelas inspiração para lidar com os problemas ecológicos cotidianos.

A argumentação proposta na investigação pretende acompanhar o percurso a seguir. Em primeiro lugar, serão recuperadas brevemente as linhas gerais das ponderações benjaminianas a respeito da aliança perversa, impulsionada pelas premissas do capitalismo, entre desenvolvimento técnico e exploração desenfreada da natureza, enfatizando, sobretudo, a urgência de uma revisão do modelo de avanços técnicos e consequente estabelecimento do que Benjamin chama de “segunda técnica” em substituição à “primeira técnica”. Em seguida, leituras recentes da temática ecológica nos escritos benjaminianos que a aproximam do debate ecosocialista – marcadamente aquelas de

⁴ Os textos de Walter Benjamin são citados de acordo com a edição *Gesammelte Schriften*, estabelecida por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser e editada em sete volumes pela editora Suhrkamp entre 1972 e 1989, abreviada por *GS*, seguida da indicação do volume em algarismos romanos e do tomo em algarismos arábicos, além da página, também em algarismos arábicos. Os textos inseridos em volumes já publicados da edição crítica (*Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe*) são indicados de modo complementar, através da abreviatura *WuN*, seguida da indicação do volume e página, ambos em algarismos arábicos. Quando necessário, são indicados na sequência, entre colchetes, ano e página das traduções utilizadas, as quais podem ser conferidas nas referências bibliográficas ao final do texto.

Michael Löwy e Fabio Mascaro Querido – serão postas em diálogo com a nossa própria perspectiva acerca de tal temática, com o intuito de salientar os limites e possibilidades de uma aproximação dessa ordem.

Reflexões seminais a respeito da técnica e da natureza em Benjamin

Na presente seção, proponho retomar alguns aspectos da crítica seminal do progresso técnico e à exploração da natureza no contexto das reflexões de Walter Benjamin a respeito do capitalismo, a fim de compreender melhor as preocupações ecológicas em meio a elas. O leitor mais atento deve ter notado a diferença no uso das preposições proposto já no título do artigo: Benjamin faz a crítica *do* progresso técnico e *à* exploração da natureza. Ora, a crítica é *do* progresso técnico porque ele não o recusa em si mesmo, mas apenas o modelo da apropriação capitalista dele; por outro lado, a crítica se dirige *à* exploração da natureza, isto é, baseada numa recusa integral, porque ela é incompatível com qualquer modelo de sociedade que se pretenda sustentável. Ambas as perspectivas críticas, aliás, estão mutuamente relacionadas: *grosso modo*, é justamente rompendo com o modelo de dominação exploratória da natureza da “primeira técnica” que se torna possível estabelecer um “jogo conjunto entre natureza e humanidade” como paradigma de uma técnica emancipadora, a “segunda técnica”. Mas voltaremos a isso em detalhe na próxima seção.

Tais ponderações ecológicas, como é de praxe em pensadores assistemáticos como Benjamin, não são expostas de maneira linear, num único texto, mas se encontram distribuídas por fragmentos textuais e ensaios redigidos entre meados da década de 1920 e o fim da década subsequente – período este que, não por acaso, se confunde com a fase materialista de seu pensamento, na qual as preocupações sociais assumem protagonismo diante das teológico-metafísicas. As primeiras linhas escritas por Benjamin a respeito da temática da exploração desenfreada da natureza são apresentadas em alguns textos de *Rua de mão única*, seu livro de aforismos e fragmentos. Dentre eles, duas passagens chamam a atenção. A primeira delas está no fragmento “Panorama imperial”, uma reflexão sociológica sobre a burguesia na República de Weimar, mais particularmente na seção XIV, que encerra o texto. Ali, Benjamin esboça uma crítica à ganância característica do indivíduo burguês no trato com os recursos naturais.

Dos mais antigos costumes dos povos, parece chegar até nós como uma advertência que diz para guardarmos do gesto da ganância ao acolhermos aquilo que tão abundantemente recebemos da natureza. Pois não somos capazes de oferecer do que é nosso à Mãe Terra. Por isso, convém mostrar reverência ao tomar, restituindo-lhe de uma parte de tudo o que vamos recebendo, antes mesmo de nos apossarmos do nosso. Essa reverência provém do antigo costume da *libatio*. Aliás, talvez seja essa antiquíssima experiência moral

que se preserva, transformada, na proibição de recolher as espigas de milho esquecidas e apanhar os cachos de uva caídos, na medida em que estas podem servir à terra ou aos antepassados que enviam suas bênçãos. De acordo com o costume ateniense, o apanhar de migalhas durante a refeição era interdito, porque elas pertencem aos heróis. – Uma vez degenerada a sociedade, sob miséria e avareza, a tal ponto de que ela só pode ainda receber os dons da natureza saqueando-a, que ela arranca os frutos imaturos para poder trazê-los vantajosamente ao mercado e que ela deva esvaziar cada tigela somente para ficar empanturrada, então sua terra empobrecerá e o campo trará más colheitas⁵ (BENJAMIN, *GS IV-1*, p. 101 / *WuN 8*, pp. 27-8 [2013, p. 23, tradução modificada]).

Logo no início, Benjamin enfatiza a insignificância do homem diante da generosidade magnânima da Natureza: ele recorda uma prática dos povos antigos, segundo a qual deve-se aceitar respeitosamente o que a Natureza nos oferece. Afinal, uma vez que nós, homens insignificantes, não somos capazes de presentear a Natureza com algo digno dela, resta-nos mostrar reverência a ela, retribuindo-lhe com parte do que ela nos oferece antes mesmo de tomar o que é nosso. Benjamin exemplifica essa reverência através do costume da *libatio*, a versão originária do “jogar pro santo” presente na cultura popular brasileira: tal costume pode ser entrevisto, por exemplo, na proibição de juntar as espigas esquecidas e de recolher cachos de uvas caídos durante a colheita, que devem ser dedicados à terra ou à honra dos antepassados que nos enviam bênçãos, ou ainda na interdição ateniense da recolha das migalhas durante a refeição, já que elas se destinam aos heróis. No entanto, essa reverência parece ter sido esquecida; a última frase descreve a relação entre sociedade burguesa e natureza já pervertida pelo capitalismo. Nela, Benjamin adverte a sociedade em geral que a continuidade de uma atitude calcada na mesquinhez perante à natureza e aos dons que ela nos oferta, significa uma caminhada a passos largos em direção a uma situação de aridez e infertilidade. Pois a natureza não é ingênua, tampouco suporta pacificamente a rapinagem desenfreada de seus frutos, já que, conforme observa Benjamin na décima primeira de suas teses “Sobre o conceito de história”, a natureza não “está aí grátis”⁶ (BENJAMIN, *GS I-2*, p. 699 / *WuN 19*, p. 77 [2005, p. 100]), a nosso bel-prazer; e as mudanças climáticas são, talvez, um forte indício de sua sútil reação a isso.

No último texto de *Rua de mão única*, intitulado “A caminho do planetário”, Benjamin revisita suas reflexões sobre a exploração da natureza, conectando-as, porém, ao desenvolvimento da técnica. A temática geral do fragmento é a crítica do racionalismo moderno e ao declínio da experiência coletiva do cosmos. O último grande ataque desferido contra tal experiência – lembrando que se trata

⁵ Notas preliminares para o fragmento “Panorama imperial” datam já de 1923; as versões e variantes da passagem citada podem ser conferidas em BENJAMIN, *GS IV-2*, pp. 919-20 / *WuN 8*, pp. 139; 161; 162

⁶ A expressão segundo a qual a natureza “está aí grátis” foi cunhada por Joseph Dietzgen, um filósofo socialpositivista muito popular na socialdemocracia alemã durante a virada do século. A crítica ao conceito positivista de trabalho, no qual Benjamin alude ironicamente à expressão em questão, é feita, na grande maioria das versões das teses “Sobre o conceito de história”, na tese XI – exceto pelo manuscrito de Hannah Arendt, em cuja tese aparece como sendo a “IX a” (ver BENJAMIN, *WuN 19*, p. 21), ou pela versão francesa do texto, no qual não consta a tradução da tese XI.

de um texto de 1928 – teria sido a Primeira Guerra Mundial. Eis a passagem central do fragmento no contexto específico desse artigo:

Massas humanas, gases, forças elétricas foram lançados no campo aberto, correntes de alta frequência atravessaram a paisagem, novos astros ergueram-se no céu, o espaço aéreo e as profundezas marítimas rugiram de hélices, e por toda parte cavaram-se poços sacrificiais na Mãe Terra. Esse grande cortejo feito ao cosmos cumpriu-se pela primeira vez em escala planetária, ou seja, no espírito da técnica. Mas, porque a avidez de lucro da classe dominante pensava expiar nela sua vontade, a técnica traiu a humanidade e transformou o leito de núpcias em um mar de sangue. A dominação da natureza, assim ensinam os imperialistas, é o sentido de toda a técnica. Quem, porém, confiaria em um mestre da palmatória que declarasse a dominação das crianças pelos adultos como o sentido da educação? Não é a educação, antes de tudo, a indispensável ordenação da relação entre as gerações, e, portanto, se quisermos falar de dominação, a dominação das relações geracionais, e não das crianças? E assim também a técnica não é dominação da natureza: é a dominação da relação entre natureza e humanidade (BENJAMIN, *GS IV-1*, p. 147 / *WuN 8*, pp. 75-6 [2013, p. 65, tradução modificada]).

Benjamin explora o progresso técnico que ganhou vazão na guerra em seus aspectos contraditórios: graças à avidez de lucro da classe dominante, que pensava em expiar na técnica seu desejo nefasto, esta traiu a classe dominante, pervertendo o leito de núpcias almejado em um fatídico mar de sangue. “A dominação da natureza, assim ensinam os imperialistas, é o sentido de toda técnica”. Para refutar essa perspectiva, Benjamin propõe uma analogia entre técnica e educação: o sentido da educação não deve ser a dominação das crianças pelos adultos, mas a dominação das relações entre os adultos e as crianças. “Assim”, ele conclui, “também a técnica não é dominação da natureza: é a dominação da relação entre natureza e humanidade”. Para Benjamin, as esperanças a respeito da tomada dos meios técnicos a fim de proporcionar sua recondução em função de estabelecer a relação harmônica entre natureza e humanidade residem, sobretudo, no proletariado – enquanto bastião das classes oprimidas: “Nas noites de aniquilação da última guerra”, escreve Benjamin no mesmo fragmento, “uma sensação semelhante à felicidade do epilético estremeceu a estrutura dos membros da humanidade. E as revoltas que se lhe seguiram foram a primeira tentativa de colocar o novo corpo sob seu poder. A potência do proletariado é a escala de medida de seu processo de cura” (BENJAMIN, *GS IV-1*, p. 148 / *WuN 8*, p. 76 [2013, p. 65, tradução modificada]).

“Segunda técnica”: conceptualização e desdobramentos⁷

Ora, as determinações essenciais dos conceitos de “Primeira” e “Segunda Técnica” já estão prefiguradas de forma seminal em *Rua de mão única*, mas apenas serão amplamente desenvolvidas

⁷ Trechos da presente seção já apareceram, para propósitos gerais distintos, em LAMA, 2019.

na década seguinte. Tanto é que essa mesma oposição será mantida, quase nos mesmos termos, na conceptualização do par na terceira versão⁸ do ensaio sobre “A obra de arte”. Nesse ensaio, Benjamin afirma que

“dominação da natureza” designa o objetivo da segunda técnica de modo altamente contestável; ela o designa assim do ponto de vista da primeira técnica. Esta tem realmente em mira a dominação da natureza; a segunda, muito mais um jogo conjunto entre natureza e humanidade (BENJAMIN, *GS VII-1*, p. 359 / *WuN 16*, p. 108 [2012, pp. 43-5]).

Ou seja: Benjamin amplia a determinação do conceito, acrescentando-lhe a noção mais específica de “jogo conjunto”, em substituição à formulação mais genérica “dominação da relação”, entre natureza e humanidade. E tal noção de jogo permanece presente quando Benjamin desdobra esses conceitos: a principal diferença entre ambos os modelos de técnica, ele argumenta,

consiste no fato de que a primeira técnica utiliza ao máximo o homem e a segunda o utiliza o mínimo possível. O grande ato técnico da primeira técnica é, em certa medida, o sacrifício humano, o da segunda está na linha dos aviões controlados por telecomandos, que não precisam de tripulação humana. O de-uma-vez-por-todas vale para a primeira técnica (ali se trata da falta, que nunca poderá ser reparada, ou da morte sacrificial, enquanto substituição eterna). O uma-vez-é-vez-nenhuma vale para a segunda técnica (esta tem a ver com o experimento e sua incansável variação da ordenação experimental). A origem da segunda técnica deve ser buscada lá onde o homem, pela primeira vez e com astúcia inconsciente, começou a tomar distância da natureza. Encontra-se, em outras palavras, no jogo (BENJAMIN, *GS VII-1*, p. 359 / *WuN 16*, p. 108 [2012, pp. 41-3]).

A partir desse desdobramento, depreendem-se duas coisas: em primeiro lugar, a segunda técnica se diferencia da primeira na medida em que coloca os objetos técnicos, os artefatos construídos pelo homem, a seu favor, não se submetendo a eles ou sobrevalorizando-os. Em segundo lugar, enquanto a primeira técnica parece ser caracterizada pela ação dirigida unilateralmente, que se dá na captura dos potenciais da natureza pelo homem, a segunda é calcada mais na busca, lúdica e tateante, baseada no jogo, da distância harmônica ideal entre homem e natureza.

Ora, se a primeira técnica é aquela que procede pela dominação da natureza, digna da racionalidade instrumental, a segunda, por sua vez, se pauta pelo estabelecimento de um jogo conjunto entre natureza e humanidade, já que o seu refinamento técnico o permite – mas não o garante. Afinal, como observa Benjamin (*GS VII-1*, p. 360 / *WuN 16*, p. 109 [2012, p. 44]), “o novo

⁸ A “terceira versão” corresponde àquela que conhecíamos, até 2012, como “segunda versão”. No ano em questão, foi publicado o volume dedicado ao ensaio sobre “A obra de arte” da edição crítica das obras de Benjamin: nele, o organizador do volume Burkhardt Lindner reorganiza as diferentes versões do ensaio com base em suas pesquisas mais recentes (ver BENJAMIN, *WuN 16*, pp. 317 ss). A prova da adesão lusófona à nova nomenclatura é a nota 1 à recente tradução da “quinta versão” (ver BENJAMIN, 2017, p. 7), que explica a reorganização das versões, inexistente na edição portuguesa de 2006.

coletivo, historicamente”, é “o primeiro que possui seus órgãos na segunda técnica”. “Para Benjamin, não é a técnica moderna”, esclarece Marc Berdet em resumo,

que em sua essência faz do homem um mestre e possuidor da natureza (...). Um certo modo de dominação da natureza já pertence, de acordo com ele, à primeira técnica, quando as sociedades “primitivas” procuravam curvar as divindades aos seus desejos ou, pelo menos, para acalmá-los. Esta técnica, que tinha o sacrifício por paradigma, permaneceu séria e violenta. E, ao determinar a experiência mágica como princípio coletivo, ela a excluiu do indivíduo autônomo. (...) A ‘segunda técnica’ (a técnica moderna) ao contrário, é (potencialmente) lúdica e não-violenta, e se destina ao indivíduo como à comunidade. Ela procede por tentativas, experimentações, testes e falhas. Ela explora o real jogando em vez de submeter a natureza. Em sua essência, em todo caso (mas na realidade, toda técnica existente é uma síntese dos dois, como toda obra é uma mistura de jogo e aparência), ela é jogo. (...) De seu jogo com o real pode nascer, para Benjamin, uma verdadeira harmonia entre a natureza e a humanidade (BERDET, 2014, pp. 224-5).

A despeito de sua base marxista, recorrendo inclusive ao proletariado e à luta de classes, a reflexão benjaminiana a respeito da técnica contém uma dimensão romântico-utópica também. “Revoluções são inervações do coletivo”, argumenta Benjamin.

Essa segunda técnica é um sistema no qual a dominação das forças sociais elementares é o pressuposto para o jogo com as forças naturais. Como uma criança que, ao aprender a pegar coisas, estende a mão tanto para a lua como para uma bola, a humanidade tem em vista em suas tentativas de inervação, ao lado dos objetivos alcançáveis, aqueles que num primeiro momento são utópicos (BENJAMIN, *GS VII-1*, p. 360 / *WuN 16*, p. 109 [2012, p. 44]).

Benjamin combina, no conceito de “segunda técnica”, “a dominação das forças sociais elementares” como “pressuposto para o jogo com as forças naturais”, ou seja, uma reinterpretação da relação marxiana entre forças produtivas e relações de produção, com as “inervações” do corpo coletivo, que não fazem distinção clara entre objetivos alcançáveis e utópicos. Um dos exemplos mobilizados por Benjamin desses objetivos utópicos foi – provocando certamente arrepios em Adorno – Mickey Mouse. Tanto em “Experiência e pobreza” quanto no ensaio sobre “A obra de arte”, o autor recorre ao personagem de Walt Disney para exemplificar os sonhos coletivos que povoam o inconsciente da humanidade. No primeiro, diante da realidade aterradora e sem perspectiva dada pelo declínio da experiência, Benjamin diz que:

Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. A existência do camundongo Mickey é um desses sonhos do homem contemporâneo. É uma existência cheia de milagres, que não somente superam os milagres técnicos como zombam deles. Pois o mais extraordinário neles é que todos, sem qualquer maquinaria, improvisadamente, saem do corpo do camundongo Mickey, dos seus aliados e perseguidores, dos móveis mais cotidianos, das árvores, nuvens e lagos. A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e (...) surge uma existência que se basta a si mesma (BENJAMIN, *GS II-1*, p. 218 [2012a, pp. 118-9]).

No outro ensaio, por sua vez, no contexto do cinema e da percepção, as palavras que abrem a seção dedicada ao Mickey dizem que “[d]entre as funções sociais do cinema, a mais importante é a de estabelecer o equilíbrio entre o homem e o aparato”; ao longo de sua argumentação, Benjamin enfatiza que é por meio da câmera que

tomamos, pela primeira vez, conhecimento do inconsciente óptico, tal como tomamos conhecimento do inconsciente pulsional pela psicanálise. (...) Pois os múltiplos aspectos que o aparato de registro pode extrair da realidade, em grande parte, somente se encontram fora de um espectro *normal* das percepções sensoriais. (...) Na antiga verdade de Heráclito – os despertados possuem um mundo em comum, cada um dos que dormem possuem um mundo para si – o cinema abriu uma brecha. E fez isso muito menos pela apresentação do mundo onírico que pela criação de figura do sonho coletivo, como a de Mickey Mouse, que circula pelo mundo inteiro (BENJAMIN, GS VII-1, pp. 375, 376-7 / WuN 16, pp. 130, 131-2 [2012, pp. 95, 99-101])

A figura do Mickey é, portanto, uma materialização do sonho utópico coletivo; é uma espécie de projeção utópica, que aponta para os anseios de uma sociedade emancipada. “O Mickey mostra um mundo utópico onde”, explica Berdet (2014, p. 229), “pela técnica, a natureza entra em um jogo harmonioso com os seres vivos. Ele encarna a função da arte que visa ‘tornar a humanidade familiar às imagens determinadas, mesmo antes dos fins, em cuja busca surgem como imagens dadas na consciência’”. O sonho utópico surge como reação às misérias experimentadas na vida ordinária; ao final do dia, assistir no cinema o triunfo sobre a técnica de personagens subalternos com os quais os espectadores se identificam, provoca neles como que uma explosão terapêutica, que se traduz no riso. “A hilaridade do cinema diante das atribulações de Chaplin ou das aventuras do Mickey”, comenta Berdet, “provoca o estouro dessas bolhas de insalubres fantasmas que, sob forma de delírio coletivo, ameaçam a humanidade num momento em que a sua grandiosa técnica serve apenas para oprimir cada vez mais” (2014, p. 230). Assim, os espectadores saem do cinema com suas aspirações de um mundo melhor renovadas.

Contudo, o ponto mais interessante dessa reflexão de Benjamin sobre a técnica é a correspondência estabelecida entre exploração da natureza e exploração do trabalho humano pelas classes dominantes – ou seja, a primeira técnica se assenta na dominação tanto da natureza quanto da humanidade. Benjamin vai dizer ainda no mesmo ensaio que a “segunda técnica almeja, sobretudo, a crescente libertação do homem do jugo do trabalho”; não, evidentemente, de qualquer trabalho, mas especificamente do trabalho no regime capitalista, baseado na exploração da mais-valia. Nesse sentido, há uma anotação integrante das *Passagens* bastante esclarecedora:

A caracterização do processo de trabalho em relação com a natureza traz a marca da concepção social que se tem dele. Se o homem não fosse propriamente explorado, poder-se-ia poupar o discurso impróprio da exploração da natureza. Este último reforça a aparência do “valor” que as matérias-primas adquirem apenas pelo sistema de produção fundado na exploração do trabalho humano. Se esta termina, o trabalho, por sua

vez, despe-se do caráter de exploração da natureza pelo homem e se realizaria, então, segundo o modelo do jogo infantil que serve de base ao “trabalho apaixonado” dos “harmonianos” em Fourier. Ter apresentado o jogo como cânone do trabalho que não mais é explorado foi um dos grandes méritos de Fourier. Um trabalho animado assim pelo jogo não visa a produção de valores, e sim o melhoramento da natureza (BENJAMIN, *GS V-1*, pp. 455-6 / *J 75*, 2 [2018, p. 596]).

Ou seja: o modelo do jogo próprio da segunda técnica é, também, o modelo que serve de base para a configuração de um trabalho em um regime utópico, pós-capitalista. A respeito dessa configuração, nas teses “Sobre o conceito de história”, Benjamin acrescenta que:

Segundo Fourier, o trabalho social bem organizado deveria ter por consequência que quatro luas iluminassem a noite terrestre, que o gelo se retirasse dos polos, que a água do mar não fosse mais salgada e que os animais de rapina se pusessem a serviço do homem. Tudo isso ilustra um trabalho que, longe de explorar a natureza, é capaz de dar à luz as criações que dormitam como possíveis em seu seio (BENJAMIN, *GS I-2*, p. 699 / *WuN 19*, pp. 76-7 [2005, p. 100]).

E, não obstante o recurso ao socialismo utópico e à perspectiva romântica, o conceito de utopia em Benjamin é bastante particular: trata-se de um conceito dinâmico, que surge a partir da interação entre “elementos da história primeva, ou seja, de uma sociedade sem classes”, “que têm seu depósito no inconsciente do coletivo” e as demandas do “novo” (BENJAMIN, *GS V-1*, p. 47 [2018, pp. 55-6]). O elo entre história primeva e sociedade sem classes é desenvolvido por Benjamin em um ensaio de 1935 sobre Johann Jakob Bachofen, o antropólogo suíço conhecido por suas pesquisas sobre o matriarcado (*Mutterrecht*), que propunha “uma sociedade comunista nos primórdios da história”, profundamente democráticas e igualitárias, além de inverter o conceito tradicional de autoridade (ver BENJAMIN, *GS II-1*, pp. 219 ss. [2012, pp. 91 ss]). É, porém, em um fragmento das *Passagens* que Benjamin insere essa ideia no contexto ecológico. “O desdobramento do trabalho no jogo pressupõe”, escreve ele,

forças produtivas altamente desenvolvidas, como aquelas de que a humanidade dispõe apenas hoje, mas que são empregadas em sentido oposto ao de suas possibilidades, a saber: para o caso de *emergência*. Todavia, também em tempos de forças produtivas pouco desenvolvidas, a concepção criminosa da exploração da natureza, dominante desde o século XIX, não foi de forma alguma decisiva. Certamente ela não teve espaço enquanto a imagem predominante da natureza foi aquela da mãe dadivosa, de que Bachofen mostrou a importância para as sociedades matriarcais (BENJAMIN, *GS V-1*, p. 456 / *J 75a* [2018, p. 597]).

Ora, se a “concepção criminosa da exploração da natureza” já não se mostrou decisiva em tempos de forças produtivas pouco desenvolvidas, e a ineficiência repete-se em tempos de forças produtivas altamente desenvolvidas, sobretudo pelo seu emprego em “sentido oposto ao de suas possibilidades”, por que essa insistência em levar a cabo tal concepção? Daí que Benjamin advogue um modelo que combine forças produtivas altamente desenvolvidas e uma concepção não exploratória da natureza.

Assim, é possível observar que o estabelecimento da segunda técnica, calcada na ideia geral de respeito pela natureza, é o passo decisivo para a emancipação não apenas da humanidade, mas do ecossistema como um todo. Ora, não se trata de uma devoção à natureza, na esteira de um romantismo ingênuo; trata-se, em vez disso, de um processo de retomada das premissas românticas e atualização delas no interior do quadro conceitual do materialismo histórico. Tal processo instaura uma estratégia lúdica, que enfatiza a ideia de “jogo conjunto entre natureza e humanidade”: feito uma criança que, ao tornar algo um novo brinquedo, mostra cuidado ao interagir com ele, protege-o, o homem adulto, de maneira semelhante, deve estabelecer uma relação com a natureza que proceda de modo tateante, plácido, não-violento⁹.

Benjamin e o ecossocialismo: limites e possibilidades

As fontes de inspiração para a redação do presente artigo foram, em primeiro lugar, os diversos estudos de Löwy a respeito da crítica benjaminiana da técnica e do progresso – ver, por exemplo, os dois ensaios em LÖWY, 2008. Em meio a eles, um deles, mais recente, se destaca por propor uma reflexão mais ampla, que compreende as consequências ecológicas do progresso técnico desenfreado (ver LÖWY, 2019)¹⁰. Trata-se de uma tradução brasileira de um artigo originalmente publicado em 2016, sob o polêmico título “Walter Benjamin, précurseur de l’ecosocialisme” (ver LÖWY, 2016); não por acaso, no entanto, todas as passagens e indicações que pudessem associar Benjamin e o ecossocialismo foram suprimidas na tradução mais recente, sendo substituídas – de maneira acertada, a meu ver – pela expressão “atualidade político-ecológica” e suas derivações, inclusive no título.

O artigo de Löwy não faz uma análise sistemática da obra de Benjamin de modo a aproximar certos pontos dela às premissas do ecossocialismo; em vez disso, ele se limita a apresentar algumas passagens benjaminianas sobre temas ecológicos e sugere, no último parágrafo, uma relação profícua

⁹ “Jogo” traduz o termo *Spiel*, em alemão. No entanto, é preciso notar que o vocábulo em nosso idioma não contém toda a “plasticidade semântica” do termo original: o substantivo *Spiel*, bem como o verbo *spielen*, significam tanto jogo/jogar quanto brincadeira/brincar, por exemplo, além de ser empregado também em outros contextos lúdicos e criativos, como tocar um instrumento ou interpretar um papel.

¹⁰ A argumentação aqui apresentada, cabe ressaltar, acompanha em larga medida, aquela proposta por Löwy em seu artigo – recorre-se, inclusive, basicamente aos mesmos textos de Benjamin para apoiar o argumento, uma vez que temas ecológicos não são abordados tão abundantemente pelo filósofo. Os comentários aos trechos, no entanto, são de minha própria pena.

entre o pensamento do crítico e o ecossocialismo. “No seio dos movimentos de resistência à destruição capitalista da natureza”, escreve Löwy no parágrafo em questão,

está se desenvolvendo na Europa, América Latina e Estados Unidos uma perspectiva radicalmente anticapitalista, a aspiração a uma alternativa radical, baseada em valores de solidariedade, respeito ao meio ambiente e autogestão democrática: o ecossocialismo. Combinando a crítica marxista do capital e a crítica ecológica do produtivismo, o ecossocialismo é uma proposta heterodoxa que implica a transformação revolucionária, não só das relações de produção, mas também do próprio aparelho produtivo – a começar por suas fontes de energia – do modo de consumo, das formas de transporte e de moradia. O desafio não é “corrigir os excessos” do sistema, mas lutar por outro paradigma de civilização, oposto daquele que se baseia na acumulação de capital e no fetichismo da mercadoria. O pensamento de Walter Benjamin nos fornece ferramentas valiosas para esta luta (LÖWY, 2016, § 19).

O elo que Löwy estabelece entre os temas tratados por Benjamin e o ecossocialismo é bastante frágil. Afinal, as reflexões benjaminianas sobre temas ecológicos não são tomadas como referência teórica ou sequer são mencionadas nos estudos sistemáticos de maior fôlego que fundamentam o ecossocialismo enquanto corrente de pensamento/proposta de ação política – ver, por exemplo, BURKETT, 1999; FOSTER, 2005; SAITO, 2021, não obstante o dissenso entre eles quanto aos detalhes. Todos esses autores se reportam diretamente a Marx, buscando, em maior ou menor grau, particularmente, a construção de uma interpretação baseada na centralidade da questão da “ruptura irremediável no metabolismo social”, apresentada no livro III d’*O capital*¹¹, para o método marxiano. Além disso, a preocupação ecológica de cada um deles situa-se no núcleo de suas respectivas leituras: trata-se de reinterpretar a obra de Marx do ponto de vista ecológico. Benjamin, por sua vez, não quer e nem precisa salvar Marx das interpretações que enfatizavam os aspectos produtivistas e prometeicos de sua obra; aliás, ele critica veementemente essa faceta do pensamento de Marx – basta lembrar da famigerada nota preparatória, que acabou por não integrar a versão definitiva das *Teses*, na qual

Marx diz que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Mas talvez isso se apresente de modo diferente. É possível que as revoluções sejam a ação, pela humanidade que viaja nesse trem, de puxar os freios de emergência (BENJAMIN, GS I-3, p. 1232 / *WuN* 19, p. 153).

¹¹ Muito embora o tema da interação entre homem e natureza já figure entre os textos da produção inicial de Marx, como nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844, ou nos textos coligidos sob o título de *A ideologia alemã* redigidos entre 1845 e 1846, é somente no livro III d’*O Capital* que ele assumirá uma roupagem crítica, salientada por uma menção ao fim de um dos parágrafos, posto que é um texto inacabado, aos estudos de química agrícola de Justus von Liebig. Eis o parágrafo em questão: “A pequena propriedade do solo pressupõe que parcela imensamente maior da população seja rural e que não o trabalho social, mas o trabalho isolado seja o predominante; que, por isso, sob tais circunstâncias, estejam excluídos a riqueza e o desenvolvimento da reprodução, em condições tanto materiais quanto espirituais, assim como as condições de um cultivo racional. Por outro lado, a grande propriedade do solo reduz a população agrícola a um mínimo em diminuição constante e opõe-lhe uma população industrial cada vez maior, aglomerada em grandes cidades, gerando assim as condições para uma ruptura irremediável no metabolismo social, prescrito pelas leis naturais da vida; dessa ruptura decorre o desperdício da força da terra, o qual, em virtude do comércio, é levado muito além das fronteiras do próprio país. (Liebig.)” MARX, 2017, p. 873, grifos nossos.

Ao insistir nas passagens nas quais Benjamin trata da natureza, Löwy acaba por negligenciar a importância da questão da “segunda técnica” para as reflexões ecológicas mais amplas feitas por ele: há, sim, uma dimensão emancipatória inerente à “segunda técnica”, que permite a libertação do homem – e da natureza, por conseguinte – desde que as relações capitalistas de exploração sejam modificadas – de acordo com Taisa Palhares, a “segunda técnica” é condição *sine qua non* para atingir tal feito, a “única possibilidade de se realizar na sociedade contemporânea sua vocação emancipatória” (PALHARES, 2009, p. 29).

Assim, a combinação da crítica marxista da apropriação capitalista dos meios técnicos com elementos românticos anticapitalistas que caracteriza a perspectiva de Benjamin não parece fornecer ferramentas para a luta ecossocialista em si, uma vez que ambas são incompatíveis em pontos fundamentais, como as divergências a respeito da interpretação de Marx. Tal perspectiva pode fornecer, antes, elementos para a luta pela construção de um “outro paradigma de civilização” que rompa com a “acumulação de capital” e com o “fetichismo da mercadoria”, do qual a estratégia ecossocialista é apenas mais uma representante.

Querido (2009), um discípulo de Löwy, é mais contido na escolha de palavras e, por conta disso, mais assertivo nas posições assumidas em seu artigo. Tanto no título – no qual ele utiliza a expressão “a atualidade eco-socialista”, isto é, enquanto postura, não como estratégia consolidada – quanto no corpo do texto, Querido delimita com bastante precisão o objeto do artigo, a saber, buscar, sobretudo na crítica benjaminiana do progresso e a temas dela derivados, elementos que podem constituir “um dos pontos de partida possíveis para a reconstituição de uma crítica marxista do ímpeto destrutivo do capitalismo, que hoje começa a ameaçar as próprias condições de vida humana na Terra” (QUERIDO, 2009, p. 77). Ou seja, ele sugere que revisitar a crítica benjaminiana pode auxiliar as reflexões ecológico-marxistas vindouras – e não a associa com as ideias que fundamentam o ecossocialismo propriamente dito, conforme sugere Löwy.

Contudo, se a construção argumentativa de Querido escapa ao problema da relação precursor/herdeiro entre Benjamin e os teóricos do ecossocialismo – o principal problema da posição de Löwy –, a escolha de textos de Benjamin para fundamentá-la permanece aquém do objetivo almejado. O texto insiste no tema da teoria da revolução como interrupção do cortejo triunfal dos vencedores como principal matriz da recepção da obra de Benjamin pelos teóricos ecológico-marxistas; no entanto, esse aspecto da teoria benjaminiana da revolução está em sua raiz, não sendo aplicável apenas às reflexões ecológicas, mas a todos os desdobramentos revolucionários, tais como, por exemplo, a crítica da ideologia do progresso ou a lembrança das derrotas de nossos

antepassados para fortalecer as lutas emancipatórias presentes. Assim, a base textual selecionada por Löwy, ao remontar às passagens críticas de Benjamin sobre a exploração da natureza e a técnica, a meu ver, parece mais acertada. Em suma, ambos os artigos – pioneiros, cabe salientar, na reflexão ecológico-marxista que inclui a perspectiva benjaminiana no debate – merecem ser lidos em complementaridade um com o outro, atentando-se para as ressalvas acima levantadas.

Conclusão

O objetivo do artigo foi claro: discutir as reflexões de Benjamin sobre a exploração da natureza e o progresso técnico no seio do capitalismo, de modo a buscar aspectos que permitam sua atualização para auxiliar no enfrentamento dos desafios ecológicos contemporâneos. Durante o percurso argumentativo, buscou-se caracterizar, em primeiro lugar, as reflexões de Benjamin, ressaltando a inédita combinação entre aspectos marxistas e aspectos românticos que as fundamentam. Em seguida, interpretações que associavam Benjamin e o ecossocialismo – Löwy e Querido – foram recuperadas e criticadas, de modo a estabelecer limites e possibilidades a respeito dessa aproximação. Conclui-se, então, a partir do material mobilizado, que o modelo de reflexão ecológica benjaminiano, dadas as divergências fundamentais com relação a interpretação de Marx, não é compatível com o modelo adotado pelos teóricos ecossocialistas; ele pode, no entanto, contribuir para os debates a respeito da formulação de uma perspectiva ecológico-marxista vindoura.

Cabe ressaltar, ainda, que a intenção do presente artigo nunca foi discutir em detalhe a perspectiva teórica dos pensadores ecossocialistas; identificou-se apenas uma de suas características mais essenciais, a saber, o retorno a Marx a fim de elaborar, de maneira imanente a sua obra, uma perspectiva ecológico-marxista, e a contrastamos com a perspectiva benjaminiana, que critica determinada faceta produtivista e prometeica de Marx ao passo que adere a outros aspectos basilares, como ao fetichismo da mercadoria, sem acerto de contas ou maiores justificativas. Assim, aos olhos de Benjamin, a obra de Marx é rica em nuances, as quais podem ser selecionadas, excluídas ou recombinadas entre si – a complexidade de Marx é tamanha, que ele “não é nem um anjo verde, nem um demônio produtivista”, para dizer com Daniel Bensaïd (2013, p. 141), ainda que se possa encontrar passagens isoladas que suportem cada uma dessas perspectivas.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Hrsg.: Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. 7 Bände. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972-1991.
- _____. Sobre o conceito de História. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin – aviso de incêndio*. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe – Band 8: Einbahnstraße*. Herausgegeben: Detlev Schöttker. Berlin: Suhrkamp, 2009.
- _____. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe – Band 19: Über den Begriff der Geschichte*. Herausgegeben: Gérard Raulet. Berlin: Suhrkamp, 2010.
- _____. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Apresentação, tradução e notas: Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- _____. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet; revisão técnica: Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012a, pp. 123-128.
- _____. Johann Jakob Bachofen. In: _____. *O anjo da história*. Organização e tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012b, pp. 91-107.
- _____. Rua de mão única, Infância berlinense: 1900. Edição e tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe – Band 16: Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*. Herausgegeben: Burkhardt Lindner. Berlin: Suhrkamp, 2013.
- _____. A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica (5ª versão). In: _____. *Estética e sociologia da arte*. Edição e tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, pp. 7-47.
- _____. *Passagens*. Edição alemã: Rolf Tiedemann; organização da edição brasileira: Willi Bolle; colaboração na organização da edição brasileira: Olgária Chain Féres Matos; tradução do alemão: Irene Aron; tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica: Patrícia de Freitas Camargo; posfácios: Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- BENSAÏD, Daniel. *Marx, manual de instruções*. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BERDET, Marc. *Walter Benjamin: la passion dialectique*. Paris: Armand Colin, 2014.

- BURKETT, Paul. *Marx and nature: a red and green perspective*. New York: St. Martin's Press, 1999.
- FOSTER, John Bellamy. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Tradução: Maria Teresa Machado. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- LAMA, Fernando Araujo Del. Frear a locomotiva da História é uma ação contra o programa do aparato: notas sobre a crítica da técnica em Benjamin e Flusser. *Artefilosofia* n. 26, julho de 2019, pp. 135-60. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/1828/3043>>. Acesso em: 05/01/2022.
- LÖWY, Michael. Walter Benjamin crítico do progresso: à procura da experiência perdida; Alarme de incêndio: a crítica da tecnologia em Walter Benjamin. In: _____. *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. Tradução: Myrian Veras Baptista e Magdalena Pizante Baptista. São Paulo: Perspectiva, 2008, pp. 189-213.
- _____. Walter Benjamin, précurseur de l'ecossocialisme. *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique* n. 130, 2016, pp. 33-39. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/chrhc/4909>>. Acesso em: 29/08/2021.
- _____. A revolução é o freio de emergência – atualidade político-ecológica de Walter Benjamin. In: _____. *A revolução é o freio de emergência. Ensaios sobre Walter Benjamin*. Tradução: Paolo Colosso. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, pp. 139-148.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro III: O processo global da produção capitalista. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.
- PALHARES, Taisa. Walter Benjamin: teoria da arte e reprodutibilidade técnica. In: NOBRE, Marcos (Org.). *Curso livre de teoria crítica*. Campinas: Papyrus, 2009, pp. 21-34.
- QUERIDO, Fabio Mascaro. Revolução e (crítica do) progresso: a atualidade eco-socialista de Walter Benjamin. *Lutas Sociais* n. 23, 2009, pp. 68-79. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18932/14096>>. Acesso em: 29/08/2021.
- SAITO, Kohei. *O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política*. Tradução: Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2021.